

Cientificidade nos estudos do turismo. Teorias, dicotomias e o desafio da consolidação epistemológica

Eliane Avelina de Azevedo Sampaio*

Universidade de São Paulo (USP) (Brasil)

Resumo: O turismo enquanto campo de estudo disciplinar tem proposituras teóricas que inserem-se, cada vez mais, no debate científico de acúmulo ou não de um conhecimento epistemológico que seja capaz de elevá-lo ao status de ciência. Diante de tais indagações, distintos pesquisadores têm realizado análises que evidenciam a fragilidade do turismo enquanto uma possível ciência, e postulam teorias que contribuem para o avanço dos estudos na área. Deste modo, o desenvolvimento deste artigo, de caráter ensaístico, teve por objetivo construir uma linha de análise, enfocando aspectos teóricos e conceituais das regularidades empíricas que retratam o turismo como multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar. Ademais da importância da superação das questões paradigmáticas rumo a uma consolidação epistemológica. Metodologicamente, possui natureza teórica, com objetivo exploratório, onde recorreu-se ao uso da pesquisa bibliográfica e eletrônica com o objetivo de suscitar alguns apontamentos sobre o processo de amadurecimento dos estudos do turismo que oriente a refletir a complexidade intrínseca à área. Constata-se, ao final, que distintos campos do conhecimento podem interagir em níveis de complexidade diferentes sob a perspectiva multi-inter-trans disciplinar com o objetivo de explicar o turismo. Todavia, é perceptível a necessidade de uma visão teórica que resgate o exercício sócio filosófico e transcenda a multidisciplinaridade, conforme a criação de teorias e modelos críticos e as reavaliações argumentativas que não se configurem apenas como uma reprodução disciplinar de outras áreas do conhecimento, mas como exercício pleno rumo a uma ciência autônoma.

Palavras-chave: Epistemologia do turismo; Teoria do turismo; Crítica epistemológica; Multidisciplinaridade; Transdisciplinaridade.

La cientificidad en los estudios turísticos. Teorías, dicotomías y el desafío de la consolidación epistemológica

Abstract: Tourism as a field of disciplinary study has theoretical propositions and epistemological knowledge capable of elevating it to the status of a science. Various researchers have carried out analyses that show the fragility of tourism as a possible science, and postulate theories that contribute to the advancement of studies in the area. Thus, this article is aimed at building a line of analysis, focusing on the empirical repetition of theories and concepts that portray tourism as a multidisciplinary, interdisciplinary and transdisciplinary area of study. In addition to the importance of overcoming paradigmatic issues towards an epistemological consolidation. Methodologically, it is theoretical and exploratory, using bibliographic and electronic research to chart the maturing of tourism studies and to reflect the intrinsic complexity of the area. In the end, it appears that different fields of knowledge may interact at different levels of complexity under a multi-inter-trans disciplinary perspective in tourism. However, there is a need for an overall philosophy in order to produce cohesion toward forming an independent science.

Keywords: Tourism epistemology; Tourism theory; Epistemological criticism; Multidisciplinarity; Transdisciplinarity.

* Universidade de São Paulo (USP) (Brasil); E-mail: elianeavelina@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-9392-5189>

1. Considerações preliminares

A base científica do turismo tem cobrado corpo e forma (Jafari, 2005). Apesar das pesquisas do referido campo se debruçarem na multidisciplinaridade, o que confere a estas análises um olhar multifacetado, sabe-se que, esta pode ser, justamente, uma das razões pelas quais há uma lentidão no desenvolvimento de marcos conceituais específicos em turismo, uma vez que as abordagens disciplinares não permitem uma visão abrangente dos problemas levantados. Deste modo, visitar o aporte teórico e a produção científica no turismo torna-se imprescindível porque esta pode ser uma porta de entrada para uma reflexão mais profunda sobre sua cientificidade.

Ao longo das décadas, pesquisadores tem contribuído para o avanço dos estudos do turismo, seja no desenvolvimento de importantes teorias, seja na lógica da apreensão do objeto do turismo e na compreensão enquanto fenômeno complexo das múltiplas relações produzidas e em produção. De modo mais recente, os estudos do turismo têm avançado enquanto campo epistemológico e método reflexivo da ciência onde o conhecimento é explorado. Nessa ótica, registra-se alguns importantes teóricos tradicionais como: Glücksmann, Fuster, Ossipow, Hunziker, K.Krapf, e pesquisadores mais “modernos” como: Jafari, Tribe, Korstanje, Castillo Nechar, Escalona, Moesch, Panosso Netto, Phillimore & Godson, Rejowski, dentre outros.

No contexto brasileiro, desde o início do século XXI a investigação em turismo começou a tomar forma, principalmente com a consolidação dos programas de pós graduação *stricto sensu* em turismo, estabilização de periódicos e revistas científicas que culminaram no aumento substancial de produções acadêmicas, onde alguns autores se debruçaram em produzir conteúdo voltados a teorização deste que é um complexo campo. Na referida década alguns estudos de ordem analítica, hermenêutica, fenomenológica, dialética, crítica, marxista foram gestados e publicados (Castillo Nechar & Panosso Neto 2016).

Deste modo, torna-se imperativo compreender que a construção social do turismo requer cientificidade, modelos explicativos, e daí a importância de como conhecemos e organizamos esse conhecimento, ou seja, a importância da epistemologia para calcar os estudos e avançar nesse campo (Bertoncello, 2010), tendo em mente que a postura filosófica define critérios pelos quais o conhecimento é justificado ou invalidado.

A epistemologia do turismo investiga o caráter, as fontes do conhecimento, o uso de conceitos, os limites dos estudos, a validade e confiabilidade das afirmações do conhecimento do mundo externo ao turismo, e a categorização dos estudos turísticos como uma disciplina ou um campo (Tribe, 1997), por este motivo a epistemologia fornece estrutura para distinguir entre as diferentes formas de compreensão do turismo.

Tomando como parâmetro tais constatações, este artigo, de caráter ensaístico, surge a partir do debate acadêmico e leituras científicas realizadas na disciplina Teoria e Fundamentos do Turismo, da Pós Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, ministradas pelo Professor Dr^o Alexandre Panosso e Dr^o Luiz Trigo, que sem resistências a teorização traz tais temáticas para o cerne das discussões, nos fazendo refletir, questionar, investigar, inclusive, o nosso papel enquanto estudante do turismo nessa (Des) construção.

Para tanto, recorre-se, neste artigo de natureza teórica, com objetivo exploratório, ao uso da pesquisa bibliográfica e eletrônica, realizados de modo analítico, com o objetivo de suscitar alguns apontamentos sobre o processo de amadurecimento dos estudos do turismo que oriente a refletir a complexidade intrínseca à área. A intenção é construir uma rota de análise que vai de algumas questões epistemológicas geral para algumas concepções particulares, através dos conhecimentos sistematizados ao longo dos anos por alguns autores, abordando, prioritariamente, as temáticas que tratam o turismo como multi, inter e transdisciplinar, valendo-se da análise crítica do levantamento bibliográfico sobre o tema em questão.

2. Concepções teóricas acerca do turismo como disciplina científica em curso

O turismo não é uma atividade recente, mas como campo de estudo disciplinar, as proposituras e análises teóricas são bastante contemporâneas. Com efeito, é um campo que necessita de reflexão, questionamentos, investigação e discussão. Investigar, refletir e questionar implica na forma de compreender os desdobramentos teóricos do turismo e da sua definição, mas também na forma de o abordar, com que metodologia e com que parâmetros. Para tanto, considera-se que a construção do conhecimento em turismo carece de uma abordagem epistemológica que permita estudá-la a partir de posturas filosóficas cuidadosas que adentre as subjetividades e compreenda as múltiplas vivências dos sujeitos.

Na epígrafe do livro “Turismo: Perspectiva Crítica. Textos Reunidos”, Félix Tomillo Noguero traz uma importante reflexão acerca da epistemologia do turismo.

Epistemología del turismo, desde una perspectiva de crisis o crítica, se trata de una ciencia en construcción, antagónica al positivismo, que pretende trascender los paradigmas disciplinarios vigentes, analizando, interpretando, comparando, entendiendo la naturaleza del fenómeno (conocimiento sensible) y del noumenon (conocimiento racional), su interacción con el sujeto cognoscente y la interacción de éste con su propio entorno, y haciendo una reflexión crítica o juicio, todo ello acerca de la complejidad del binomio viaje-hospitalidad (Noguero, 2016).

Tal como exposto pelo autor, a epistemologia do turismo tem como objetivo romper com a ideia dos paradigmas disciplinares e hegemônicos vigentes, de modo que venha a desconstruir o próprio paradigma, as opiniões pré-formadas, o senso comum e crenças. E diante disso seja possível explicar como é pensado, questionado e concebido o campo de estudo do turismo, fornecendo uma base sólida para distinguir o que é o verdadeiro e o falso conhecimento, apesar da complexidade desse tipo de distinção.

O pensamento complexo, a dialética entre as diferentes disciplinas e o turismo, são algumas das características que devem ser levadas em consideração na abordagem do objeto de estudo do turismo e de sua metodologia (Moscoso & Comparato, 2014). Deste modo, torna-se imprescindível compreender as bases que estruturam as concepções teóricas aplicadas ao turismo no desvelar dos dilemas e dicotomias rumo a uma compreensão/consolidação epistemológica própria. Apesar disso, têm-se a ciência de que o turismo é uma prática humana e toda elocubração teórica visa compreender esse fenômeno, mas não construí-lo, interpretá-lo mas não criá-lo, como bem fundamenta o filósofo Panosso Netto (2011).

Existem três vertentes teóricas a respeito do turismo como disciplina científica: aquelas que o reconhecem como disciplina ou mesmo como potencial para sê-lo, a exemplo de Jafari (2005) que calçou seus estudos dentro dessas concepções. Outros pesquisadores que definem o turismo como um campo de conhecimento estudado por outras disciplinas já existentes (Tribe & Liburd, 2016; Xiao & Smith, 2007); e, por fim, aqueles pesquisadores que não concebem que o turismo possa ser entendido como uma disciplina científica.

Apesar de toda a complexidade do fenômeno turístico e da necessária episteme para explicá-lo de forma pujante, o fato é que o turismo ainda não é uma ciência consolidada, pois é comum vê-lo em distintos trabalhos como objeto de estudo das teorias sociais de outras disciplinas. Outro fato evidente é a inexistência sobre a presença de um objeto e de métodos próprios. Panosso Netto (2013) afirma que o turismo não possui um objeto de estudo claro e definido, e por não tê-lo é uma área cujos estudos têm percorrido linhas teóricas advindas de ciências consolidadas, como: filosofia, antropologia, sociologia, psicologia, geografia, economia, entre outras. Estas são ciências que fornecem suas respectivas epistemologias fundantes para explicar o comportamento dos fenômenos intrínsecos aos componentes que envolvem às viagens, os viajantes, os destinos, sob a ótica das múltiplas abordagens.

De modo complementar, Moesch (2013) também atribui a razão da não construção de uma teoria do turismo a má compreensão do domínio do objeto turístico, no objeto de investigação mal definido e, conseqüentemente, na assimilação insuficiente dos conhecimentos adquiridos, e assegura que este é o ponto de partida do ato completo do pensamento. Essa propositura epistemológica implica no desvelamento da visão tradicional dos estudos do turismo frente a uma realidade complexa, construída pela trama social, cultural, antropológica, econômica, política de um objeto claramente interdisciplinar (Moesch & Beni, 2015).

A consolidação acerca da epistemologia das áreas de antropologia, economia, geografia e sociologia, entre outras ciências, se reproduziam antes do século XX, contudo, os debates em torno da cientificidade do turismo só começaram a algumas décadas (Jafari, 2005). De acordo com Panosso Netto (2011), essas preocupações com a epistemologia do turismo são relativamente novas, tendo aproximadamente vinte anos. Para o referido autor, o debate acadêmico foi relegado às questões práticas e superficiais, deixando-se “abocanhar” pelas várias ciências, sem emergir para um corpo teórico próprio que consolidasse escolas de pensamentos. Mas, como percorrê-lo no Turismo se os pesquisadores ainda estão tateando sobre qual, de fato, é o objeto de estudo do turismo? questiona o filósofo. É perceptível que há um caminho a percorrer em busca da própria conceituação do turismo que o aborda indiscriminadamente oras como indústria, oras como fenômeno, atividade, setor, entre outros.

A pesquisadora Susana Gastal (2004), em sua obra, assinala a dedicação dos pesquisadores em construir uma delicada teia que reúne objeto, metodologia e um acúmulo teórico, permitindo que o “tema” passe a ser encarado como área teórica com especificidades e com pretensões a avanços na construção do que pode ser denominado como uma ciência. Mas, o fato é, que essa busca pela consolidação ainda encontra-se em curso, sendo tecida no bojo das reflexões.

Porém, vale ressaltar que alguns fatores retardam o desenvolvimento científico do turismo. Soto, Canalejo & López-Gusmán (2011), por exemplo, afirmam que a maior parte das pesquisas em turismo são estudos empíricos locais que não apresentam um maior grau de conexão com uma posição teórica clara e própria. De modo complementar Campodónico & Chalar (2011), afirmam que este fator pode ser motivado pelo baixo reconhecimento social, econômico e cultural que a área possui. Goeldner e Ritchie (2009), por sua vez, trazem a questão da variedade de métodos usados na pesquisa em turismo, e afirmam que estes transitam entre a abordagem institucional, do produto, histórica, gerencial, geográfica, econômica e sociológica dentro de uma perspectiva interdisciplinar de análise.

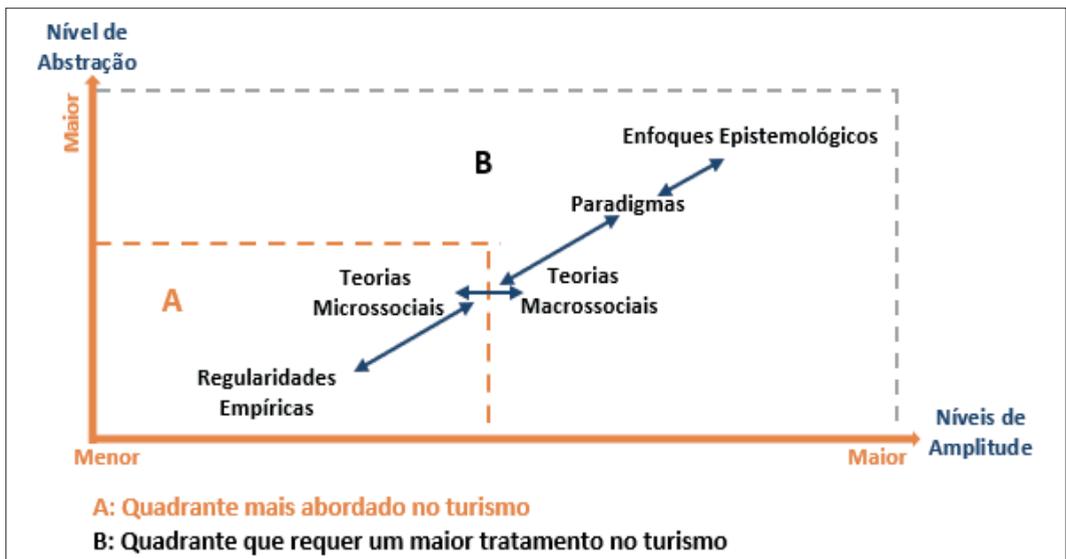
Para além desses aspectos, Panosso Netto, Noguero & Jager (2011) asseguram que os problemas também se refletem, em maior ou menor grau, em outras áreas, porém, no turismo, eles aumentam, pois estão sob as lentes de outros problemas específicos, tais como: Indefinições conceituais, fragmentação do conhecimento produzido, preconceito de pesquisadores de outros campos de estudo, estudos sem historicidade (falta de retomada dos estudos antigos de turismo), fraqueza na sustentação de argumentos ou seja fundamentação teórica baixa e pobre.

Essa imprecisão, tanto nas definições do objeto de estudo do turismo, como também nas formas metodológicas de abordá-lo, é algo dicotômico. Para Moscoso & Comparato (2014) existe uma relação evidente de contraposição entre a intenção dos pesquisadores em constituir o turismo como disciplina científica e o que é efetivamente produzido em termos de pesquisa, pois os avanços a respeito do rigor e da sistematização dos métodos não parecem percorrer esse objetivo de torná-la ciência. Ademais, os autores fazem uma importante reflexão acerca das inúmeras obras que extrapolam os conceitos usados em outras ciências ou disciplinas, e afirmam que esse uso de certa forma descontextualiza as teorias que lhes deram origem ou significado, e que muitas vezes negligenciam processos maiores ou debates que ultrapassam a escala local dos objetos pesquisados. “Assim, de outras áreas, o estudo do turismo vai se alimentando com o que está disponível e pode ser adaptado para a sua realidade” assegura Panosso Netto (2011, p.42).

Deste modo, é importante frisar que, além de toda complexidade relatada por tais autores, a intencionalidade da construção teórica sempre tem como pano de fundo a concepção de ciência e área de estudo a qual está vinculado o pesquisador. E é justamente nessa linha que reside os questionamentos acerca de como o turismo se tornará uma ciência enquanto a sua base epistemológica dos métodos utilizados for oriunda, exclusivamente, de outras ciências já consolidadas. Essa apropriação metodológica disciplinar para com os estudos do turismo imprime um caráter reducionista à área.

Para ilustrar tais menções, Moscoso & Comparato (2014) apresentam um gráfico que situa as pesquisas em turismo e a forma como estas tem evoluído do campo empírico ao epistemológico:

Figura 1: Níveis do Conhecimento Científico (Abordagens no Turismo)



Fonte: Moscoso & Comparato (2014), baseado em Sutu (2005).

Como pode ser observado, o gráfico indica o nível de abstração e amplitude dos estudos científicos. Por meio da seta linear (cor laranja) indica a referência do nível de amplitude e de abstração que vai do menor para o maior. De modo crescente os estudos perpassam de: Regularidade Empíricas, Teorias Microsociais, Teorias Macrossociais, Paradigmas até chegar nos Enfoques epistemológicos.

Como pode ser observado, no quadrante “A” os autores demarcam a situação das pesquisas em turismo e apontam que são estudos que ainda se encontram no campo do empirismo e das teorias microsociais. Apesar do crescente número de pesquisas nas últimas duas décadas, a maioria destas encontram-se centradas no nível “micro”, ou seja, com estudos de caso voltados para pequenas localidades específicas, para análise de perfis de demanda nos destinos, estudos que enfocam as estratégias promocionais, as políticas públicas de turismo, mas pouco estudos questionam e refletem, as concepções teóricas que estão no bojo dessas práticas e que se inserem no nível das discussões macro.

Castillo Nechar & Panosso Neto (2011, 2016), endossam tais concepções quando alertam que uma investigação do tipo causal explicativa deve ser superada para entrar em um tipo crítico-reflexivo-interpretativo que permita pensar, repensar, desvendar, desvelar, denunciar o turismo, tanto para a produção de seus conhecimentos específicos quanto para a condução das atividades relacionadas, fazendo-as repousar no conhecimento preciso que se tem sobre ele, para além das discussões triviais sobre se é uma ciência, se é uma produção teórica ou conhecimento aplicado, etc.

“Deve-se entender que o que se trata aqui não é desvirtuar os níveis ou abordagens “micro”, visto que são claramente enriquecedores para a disciplina, mas aponta a necessidade de que se tenham teorias maiores” (Mascoso & Comparato, 2014, p.7). Até porque, têm-se a ciência de que é imperativo revisitar as teorias do turismo rumo as novas apreensões sociais do fenômeno com o objetivo de melhor explicá-lo, ademais da superação da teoria rumo aos paradigmas e enfoques epistemológicos.

De forma análoga, Castillo Nechar & Panosso Netto (2016) infere que o desafio na construção do conhecimento não é apenas a aplicação de noções, termos, categorias ou processos estabelecidos de forma mensurável, mas sim do exercício contínuo da reflexão e reinterpretção dos fenômenos, manifestações e eventos que destacam o valor do diálogo, da descontinuidade e da quebra do conhecimento. Refletir sobre estes aspectos não implica em propor o turismo como uma ciência,

más bien mostrar que otras perspectivas de investigación, apoyadas en la reflexión filosófica, permiten esclarecer el término ciencia como no privativo del canon de la cientificidad moderna, ni restringido a la repetibilidad nomológica de sus procesos, principios y argumentos, sino como la plausibilidad de entender ciencia en el turismo como la producción de un conocimiento con la rigurosidad que permite el enjuiciamiento de sus aporías (contradicciones y opuestos inherentes a lo social del turismo) mediante la reflexión crítica de los argumentos que sustentan sus discursividades (Castillo Nechar & Panosso Netto, 2011, p.386).

A citação instiga a refletir que o pesquisador do turismo precisa romper as amarras estritas às técnicas de estudo simplistas, para almejar um espaço de discussão amplo enquanto campo científico e acadêmico. Um fato a ser considerado, é que além de ter um ponto de partida tardio, o turismo lida com um fenômeno limitado, enquanto os campos das ciências sociais cobrem um espectro muito mais amplo (Jafari, 2005).

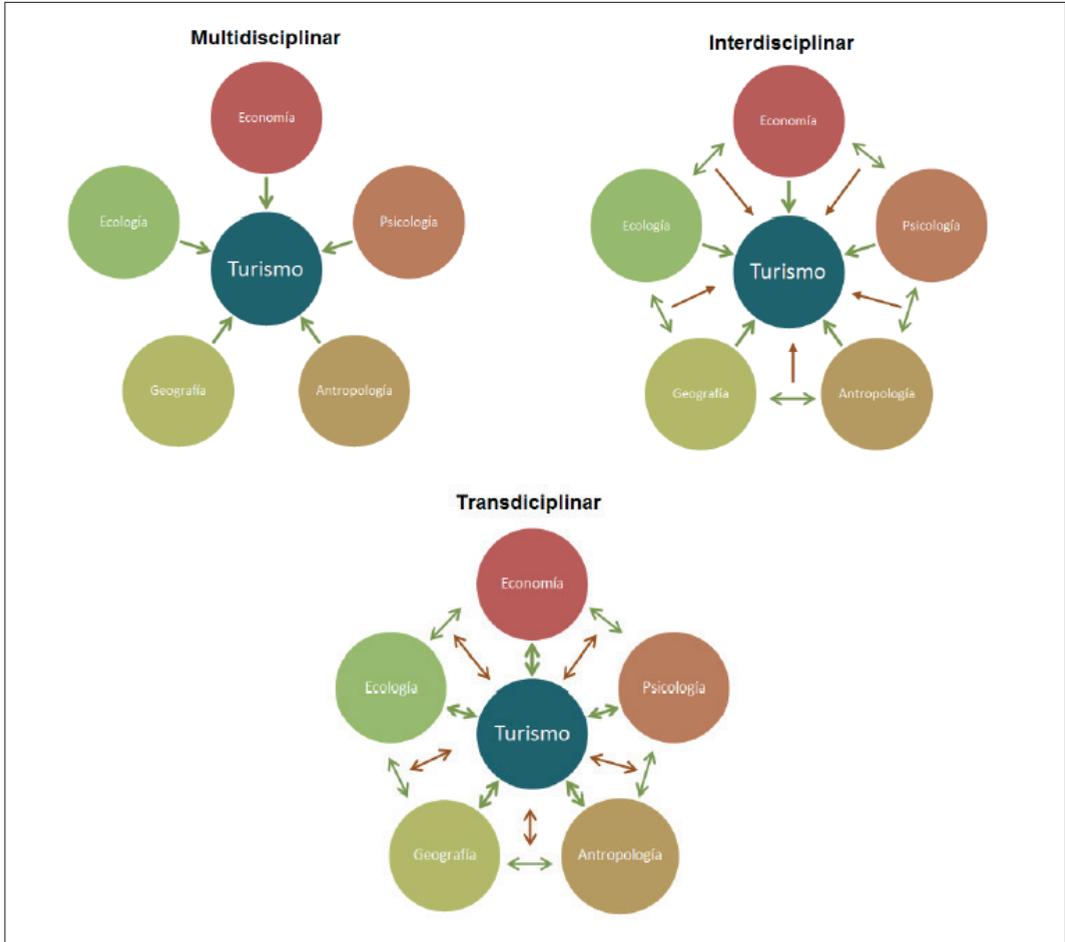
Ademais, passados alguns anos, o campo do turismo ainda se debruça nas mesmas indagações científicas acerca de qual é o seu objeto, o que incide diretamente no fato de ser ou não uma ciência, de ser ou não multidisciplinar, interdisciplinar e/ou transdisciplinar. É mais que necessário estruturar um corpo teórico que aprofunde a forma de se pensar para além do fazer turístico.

3. O enfoque inter, multi e transdisciplinar. Por uma superação da fragmentação nos estudos do turismo

Analisar o turismo do ponto de vista da coesão conceitual é uma missão até o momento, impossível. Dado a complexidade epistemológica das próprias definições, pois como afirma Escalona (1992, p.7) “Penetrar no campo das definições de turismo é pisar em um terreno controverso e minado de escólios”. Essa contundente afirmativa reverbera em pesquisas de diversos autores, que pela própria indefinição do objeto de estudo do turismo veem este campo como multidisciplinar/interdisciplinar, com exemplo de Fuster (1970), Sessa (1988), Tribe (1997, 2010), Tribe & liburd (2016), Rejowski (1999), Centeno (2003), Jafari (1994,2005).

Antes de percorrer as concepções teóricas trabalhadas pelos pesquisadores do turismo, é importante esclarecer o que vem a ser a interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade. Para tal, utiliza-se a figura proposta inicialmente por Moscoso & Comparato (2014) que desenvolveram uma ilustração que simplifica a compreensão dos termos de modo aplicado ao turismo, como pode ser observado na Figura 2.

Figura 2: Abordagens de vinculação de disciplinas no campo do turismo



Fonte: Adaptado de Moscoso & Comparato (2014).

De forma explicativa, a multidisciplinaridade, conforme representado na figura, corresponde ao conjunto de disciplinas que podem trabalhar simultaneamente, ou não, para explicar determinados fenômenos. Na abordagem multidisciplinar recorre-se a informações de uma única ou de várias matérias para estudar um determinado elemento. Cada matéria contribui com a sua episteme sem necessariamente considerar a integração entre elas (Menezes & Santos 2015). Ou seja, a multidisciplinaridade evidencia a importância de estudar um determinado fenômeno sobre a ótica de várias disciplinas e correntes, com a perspectiva metodológica própria de cada uma. Moesch & Beni (2015) esclarecem que apesar do contexto da multidisciplinaridade admitir vasos comunicantes visando uma compreensão holística, a organização curricular proposta não é suficiente para a construção de uma base teórico-metodológica própria à epistemologia do turismo.

No que tange a interdisciplinaridade, há cooperação e diálogo entre as diferentes disciplinas, coordenadas por uma disciplina específica, axioma ou objeto de análise em comum (na Figura 2 indicada pela disciplina turismo) que supõe ser um eixo integrador (Carlos, 2015). Na análise interdisciplinar há um problema comum

a ser resolvido e cada uma das disciplinas se unem para fornecer uma compreensão dentro da sua “ótica”, onde juntas tem a força para melhor compreender o fenômeno em análise. Esta concepção vem ao encontro como método investigativo, e impõe um fecundo exercício epistemológico diante de nichos particularistas existentes na academia, cujos clássicos campos de saber são delimitados (Beni & Moesch, 2017).

A transdisciplinaridade, por sua vez, é um termo relativamente recente, ademais da complexidade de compreender tais assertivas, bem como, de efetivamente aplica-la. Para Domingues (2005) a transdisciplinaridade representa a integração de várias disciplinas que interagem coletivamente para análise de uma determinada problemática, ou seja, em um contexto mais amplo e geral. Na perspectiva transdisciplinar observa-se o objeto para além das disciplinas.

No entanto, para desenvolver uma análise calcada nos enfoques multi, inter e transdisciplinares que são postulados nas produções científicas do turismo, torna-se necessário reconstruir a abordagem mais tradicional da cientificidade contidas em autores como Luiz Fernandez Fuster (1970), com proposições em sua obra “*Teoría e técnica del turismo*”, quando busca no Funcionalismo fazer uma ligação entre a teoria e a técnica do turismo. A posição do autor em relação aos estudos do turismo é que o assunto deve ser tratado como especialização das áreas científicas, mas sempre vinculada a outras ciências como a economia, a estatística e a geografia, entre outras. Apesar de Fuster ser um teórico com grande respaldo acadêmico, não propôs um método de estudos específico para o turismo, apenas sugeriu a utilização dos métodos de outras disciplinas, fato que leva a alguns autores atribuírem a sua obra um caráter reducionista e cartesiana que ignora o turismo em sua totalidade.

Outra classificação do pensamento turístico muito semelhante à de Fuster é feita por Jafar Jafari, em importantes produções como “*Toward a Framework for tourism education*” feito em parceria com Brent Ritchie (1981), “*La cientificación del turismo*” (1994) e “*El turismo como disciplina científica*” (2005). Jafari é um dos principais autores que estabelecem a noção de multidisciplinaridade aos estudos do turismo, e apesar de evidenciar e defender a importância da transdisciplinaridade, e argumentar que o turismo se constrói como disciplina científica e que tem as propriedades e ferramentas para seu desenvolvimento, o autor afirma que os estudos até o momento só dão conta de uma abordagem multi ou no máximo interdisciplinar.

A visão imposta por Jafari também foi alvo de críticas, e tem sido vista como reducionista, pois o autor, ao correlacionar a abordagem teórica do turismo como interdependente das disciplinas para poder ser “debatido/explicado”, ignora totalmente a contribuição que o turismo também fornece para as outras disciplinas que o analisa. Existe ganhos múltiplos nessa “relação disciplinar”.

Apesar de tais afirmações, torna-se compreensível as análises do modelo trabalhado por Jafari (2005), pois este revela a forma como o turismo se delinea academicamente nas inúmeras dissertações, teses, artigos científicos, sobretudo, no Brasil, onde é perceptível que há uma recorrência comum a outros campos de estudo para compreender o fenômeno turístico.

Tanto Fuster como Jafari, são autores que calcaram seus estudos na máxima de que o turismo enquanto fenômeno deve ser estudado de forma multidisciplinar, e ambos mantêm uma análise mais positivista do conceito de turismo, onde suas propostas são baseadas na observação, experimentação e análise histórica comparativa (Carrera et. al., 2018). Moesch (2013) atribui ao funcionalismo de Fuster o patamar de maiores teorias que têm sido utilizadas na construção teórica do turismo, apesar de não serem suficientes para estabelecer uma epistemologia.

Com certas divergências e semelhanças ao modelo de Jafari, Tribe (1997) é mais categórico ao apresentar algumas concepções do turismo como campo de estudos de características predominantemente interdisciplinar e multidisciplinar. Para o autor, os conceitos e estudos do turismo não formam uma rede e nem uma estrutura teórica coesa, e por si só não oferecem uma distinta e estruturada forma de analisar o mundo, assim como faz a física. Logo, considera que o turismo nunca poderá ser encarado como uma ciência. Tal como os autores anteriores, Tribe também foi criticado, uma vez que esse tipo de afirmativa de um teórico com grande respaldo acadêmico põe os estudos do campo do turismo em desvantagem.

É importante frisar que os modelos apresentados por Tribe (1997) e Jafari (1981) materializam o pensamento de que as distintas disciplinas derivadas das ciências sociais são responsáveis por explicar objetos de estudos complexo e mutáveis e historicamente construídos como é o caso do turismo.

De modo complementar, Smirnov (1983) afirma que o turismo é bastante complexo e por definição, um objeto de estudo interdisciplinar, e que para dar conta da sua complexidade, é necessário contar com a contribuição de diferentes áreas do conhecimento. Apesar de que, as disciplinas não buscam “estudar turismo”, mas apenas o aspecto do turismo que interessa ao objeto da disciplina.

Tendo em vista o contexto apresentado, concorda-se com as afirmações de Escalona (2014, p.197) quando este assegura que,

se o turismo é concebido como um fenômeno multidimensional, o lógico é que o corpo de conhecimentos que o toma como objeto de estudo também seja interdisciplinar, ou melhor, multidisciplinar. E assim acontece, de fato. E, para constatá-lo, basta dar uma olhada na abundante bibliografia acumulada desde o final do século XIX até a atualidade, ou no plano curricular de qualquer centro acadêmico dedicado a transmitir os conhecimentos por ela trazidos.

O autor assinala a importância de compreender o turismo como campo transdisciplinar, mas deixa evidente que a forma como as pesquisas de turismo tem sido tratada dão a conotação de multidisciplinar, pois falta uma metodologia unificadora que eleve o status do referido campo de estudo. Enquanto essa abordagem unificadora não surge, é importante frisar que a abordagem inter e transdisciplinar são fundamentais para a análise do turismo enquanto fenômeno social, cultural, comunicacional, econômico, e possuidor de uma prática teórico/social. Mas para ter um valor efetivo requer coerência epistemológica, teórica e metodológica na construção das pesquisas.

Para Moesch (2013, p.10) a implicação epistemológica rumo a construção de uma teoria do turismo, sob uma concepção interdisciplinar, requer a superação de paradigmas fossilizados em muitos discursos acadêmicos, institucionais e profissionais. Revisitar as teorias do turismo a partir das novas práticas sociais deste fenômeno não é compromisso exclusivo dos pesquisadores e educadores do Brasil, os países latino-americanos, de modo geral, têm esboçado em pesquisas essas preocupações, apesar de ainda ser um campo tido como imaturo.

As constatações de Campadónico & Chalar (2017) dão conta que a interdisciplinaridade gerou muitos debates escritos entre os autores, mas estes não chegaram a um consenso, considerando que as opiniões divergem em suas perspectivas e contribuições. Assim, o “interdisciplinar” como um problema foi instalado há algum tempo para pensar sobre a produção de conhecimento em múltiplas dimensões que cobrem um amplo espectro, ou seja, a transdisciplinaridade.

A pesquisa no âmbito transdisciplinar seria complementar a disciplinar, mas diferente dela, pois enquanto a interdisciplinar está relacionada a um único nível de realidade, a pesquisa transdisciplinar se interessa pelas dinâmicas que são geradas pela ação simultânea de vários níveis da realidade (Campondónico & Chalar, 2010). É uma posição teórica que implica na necessidade de partir do pensamento complexo, da lógica dialética e da transdisciplinaridade como ferramentas válidas para uma construção teórica.

Nesta lógica, a transdisciplinaridade coloca em voga a coordenação do conhecimento em um sistema que permita trocas de conhecimentos entre as disciplinas, reconhecendo-as como solos férteis e ultra-passando suas concepções lineares e simplistas. Sendo assim, o turismo deve ser estudado associando-se as disciplinas concomitantemente, mas como uma síntese articuladora dos muitos elementos cognitivos e valorativos de uma realidade marcada pela complexidade. Para interpretar o fenômeno turístico, portanto, transcende ao que realmente se pensa sobre o fenômeno, e a abordagem interdisciplinar ajuda a melhor compreender sua complexidade e significância nas diferentes realidades em que está inserido.

4. Conclusão

No caminho a ser percorrido pelo turismo rumo a uma epistemologia, muitos pontos importantes que vão do debate à construção das teorias próprias ainda estão em curso. É perceptível que há um ponto inicial a ser fundamentado, que diz respeito a busca da própria conceituação do turismo, e do uso comum da palavra, que ora é abordado como indústria, atividade, setor da economia e ora como fenômeno complexo das múltiplas relações produzidas e em produção pelo sujeito.

Diante das reflexões expostas no artigo, constata-se que distintas áreas de conhecimento podem interagir em níveis de complexidade diferentes sob a perspectiva multi-inter-trans disciplinar com o objetivo de explicar o turismo. Castillo Nechar adverte que tais abordagens disciplinares têm gerado posições e visões fragmentárias do turismo no que diz respeito à sua realidade e aos objetos de estudo construídos, de tal forma que a pretensão de alcançar a transdisciplinaridade é um desafio difícil de superar. Portanto, sendo o turismo um fenômeno integral, multidimensional e complexo, produto da inter-relação de múltiplos atores, contextos espaço-temporais, impulsos e níveis de atividade, surge a necessidade de abordar questões e problemas de forma transversal, integrativa e dinâmica.

Tomando como parâmetro as constatações enunciadas neste ensaio, não há equívocos em considerar que ter um corpo teórico ancorado em outras ciências traz uma fragmentação aos estudos do turismo, o que acaba por gerar uma interferência em seu avanço enquanto ciência autônoma. Há, portanto, a necessidade do estímulo a produções que não reduzam o turismo a um segmento de mercado, mas sim, formulações de problemas que desvelem a episteme complexa e subjacente.

Ademais, é perceptível a necessidade de uma visão aos estudos do turismo que resgate o exercício sócio filosófico e transcenda a multidisciplinaridade, conforme a criação de teorias e modelos críticos e as reavaliações argumentativas que não se configurem apenas como uma reprodução disciplinar de outras áreas do conhecimento. Mas sim, como pressupostos consistentes e com uma matriz teórica fundamentada e madura, que elevem cada vez mais o corpo e a forma dos estudos turísticos. Tais constatações nos levam a crer que, apesar das distintas teorias que podem e devem ser empregadas no turismo, não existe um consenso científico consolidado. E este fato se delinea, também, na não consolidação enquanto ciência.

Bibliografia

- Beni, M. C., & Moesch, M. 2017. A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. *Turismo-Visão e Ação*, 19(3), 430-457.
- Bertoncello, R. 2010. Investigación en turismo: logros y desafíos desde una perspectiva latinoamericana. *Aportes y transferencias*, 14(1), 11–22. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/276/27621296002.pdf>. Recuperado em 12 de maio de 2021.
- Campodónico, R., & Chalar, L. 2011. Hacia la construcción del conocimiento en turismo. *Estudios y perspectivas en turismo*, 20(6), 0–0.
- Campodónico, R., & Chalar, L. 2017. El abordaje interdisciplinario en el turismo. El campo de análisis TEMA como propuesta metodológica. *Estudios y perspectivas en turismo*, 26(2), 461-477.
- Carlos, J. G. 2007. Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades. Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2961>. Recuperado em 20 de maio, 2021.
- Carrera, P.; Amézquita, A.; Vallejo, E. 2018. El uso de la teoría fundamentada en una propuesta epistemológica: el turismo como disciplina en su producción académica en Iberoamérica 2010 - 2015. *VI Encuentro Latinoamericano de Metodología de las Ciencias Sociales*, 7 al 9 de noviembre de 2018, Cuenca, Ecuador. Recuperado em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.12574/ev.12574.pdf
- Castillo Nechar, M. 2005. Inter, multidisciplinaria y/o hibridación en los estudios socioculturales del turismo. *Revista Pasos Online*. Número patrocinado, 229. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/3205/PASOS06.pdf#page=23>
- Castillo Nechar, M. C., Panosso Netto, A. 2010. *Implicaciones epistemológicas en la construcción del conocimiento del turismo*. In: Nechar, M. C., Panosso Netto, A. *Epistemología del turismo: estudios Críticos*. México: Trillas, p.15-40.
- Castillo Nechar, M. 2011. Epistemología crítica do turismo: que é isso? *Revista Turismo em Análise*, 22(3), 516-538.
- Castillo Nechar, M. C., & Panosso Netto, A. 2011. Implicaciones epistemológicas en la investigación turística. *Estudios y perspectivas en turismo*, 20 (2), 384-403. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1807/180717607007.pdf>. Recuperado em 10 de maio de 2021.
- Domingues, I. 2005. Síntese e Prospecções. In: Domingues, Ivan (Org.). *Conhecimento e Transdisciplinaridade II: Aspectos metodológicos*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Escalona, F. M. 2014. La epistemología y el turismo (Epistemology and Tourism). *Anuario Turismo y Sociedad*, 15.
- Escalona, F. M. 2015. El turismo desde la filosofía de la historia. *Aposta. Revista de Ciencias Sociales*, (65), 14-37.
- Fuster, L. F. 1978. Teoría y técnica del turismo. Hispano-Europea. Madrid, España.
- Gastal, S. 2004. Da prática à teoria: pensando o turismo. In.: Marutschka, M., Gastal, S. *Um outro turismo é possível*. São Paulo: Contexto.
- Goeldner, C. R., & Ritchie, J. B. 2007. *Tourism principles, practices, philosophies*. John Wiley & Sons.
- Jafari, J. 2005. El turismo como disciplina científica. *Política Y Sociedad*, 42(1), 39 - 56. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO0505130039A>. Recuperado em 08 de maio de 2021.
- Jafari, J., & Ritchie, J. B. 1981. Toward a framework for tourism education: Problems and prospects. *Annals of tourism research*, 8(1), 13-34.
- Jafari, J. 1994. La cientificación del turismo. *Estudios y perspectivas en turismo*, 3(1), 7-36. Disponível em: http://materiales.untrefvirtual.edu.ar/documentos_extras/Maestria_en_Gestion_Tur_del_Patrim/LA_CIENTIFICACION_DEL_TURISMO_-_Jafari_Jafar.pdf. Recuperado em 12 de maio de 2021.
- Korstanje, M. E. 2012. Nociones básicas de epistemología para el turismo. *TURyDES Revista de investigación en turismo y desarrollo local*, 5(12), s/p.

- Korstanje, M. E. 2013. Epistemología del turismo: teoría del sistema onírico. *Palermo Business Review*, (10), 7–20. Disponível em: https://www.palermo.edu/economicas/cbrs/pdf/reee10/BR10_01.pdf. Recuperado em 12 de maio de 2021.
- Menezes, E. T.; Santos, T. H. 2015. “Multidisciplinaridade” (verbete). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora. Disponível em <<https://www.educabrazil.com.br/multidisciplinaridade/>>. Acesso em 25 maio 2021.
- Moesch, M. 2000. Turismo: virtudes e pecados. *Turismo: nove propostas para um saber-fazer*, 2, 93-102.
- Moesch, M. 2013. O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo. *Cenário*, v.1, n.1, 8–28.
- Moesch, M.; Beni, M.C. 2015. Do discurso sobre a ciência do turismo para a ciência do turismo. Recuperado em junho, 2021, de: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/48.pdf>
- Moscoso, F. V., & Comparato, G. 2014. Turismo y epistemología: un ejercicio de construcción y desconstrucción. In *Libro de actas VI Congreso Latinoamericano de Investigación Turística. Neuquén, Argentina: EDUCO–Facultad de Turismo-Universidad Nacional del Comahue*.
- Panosso Netto, A. 2010. *O que é turismo*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense.
- Panosso Netto, A. 2011. *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. 2. ed. São Paulo, SP: Aleph.
- Panosso Netto, A. P., Noguero, F. T., & Jäger, M. 2011. Por uma visão crítica nos estudos turísticos. *Revista Turismo em Análise*, 22 (3), 539-560. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14262>. Recuperado em 10 de maio de 2021.
- Panosso Netto, A., Jäger, M. 2015. Robert Glücksmann (1877-1942): founder of Berlin School of Tourism Research. *Anatolia*, v. 27, 1-10. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283340130_Robert_Glucksmann_1877-1942_founder_of_Berlin_School_of_Tourism_Research. Recuperado em 10 de maio de 2021.
- Panosso Netto, A., Castillo Nechar, M. 2014. *Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica*. In: Panosso Netto, A., Nechar, M. C. 2016. Turismo: perspectiva crítica: textos reunidos. Assis, SP: Triunfal Gráfica e Editora.
- Panosso Netto, A., Nechar, M. C. 2016. *Turismo: perspectiva crítica*. Textos reunidos. Assis, SP: Triunfal Gráfica e Editora., 264p.
- Rejowski, M. 1999. Turismo como disciplina no pensamento internacional. In: Rejowski, M. Turismo e Pesquisa Científica (3ª ed.). São Paulo: Papirus, 1999.
- Rejowski, M. 2015. *Teorizações do turismo em direção a novas abordagens: uma discussão preliminar*. In Anais... São Paulo: ANPTUR. Recuperado de <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002740347.pdf>.
- Rejowski, M. 1996. *Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional x situação brasileira*. Campinas-SP: Papirus.
- Smirnov, S. 1983. “La aproximación interdisciplinaria en la ciencia de hoy. Fundamentos ontológicos y epistemológicos. Formas y funciones”. En: Bottomore, T. *Interdisciplinarietà y ciencias humanas*. UNESCO - Editorial Tecnos, Madrid, pp. 53-70.
- Soto, M. O., Canalejo, A. M. C., & López-Guzmán, T. 2011. Turismo y desarrollo socioeconómico: Un análisis de la isla de Santiago (Cabo Verde). In *Turismo y desarrollo económico: IV jornadas de investigación en turismo* (pp. 519-535). Disponível em: <https://idus.us.es/handle/11441/53094>. Recuperado em: 15 junho 2021.
- Tribe, J. 2010. Tribes, territories and networks in the tourism academy. *Annals of Tourism Research*, 37(1), 7-33. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738309000668>. Recuperado em 15 de maio de 2021.
- Tribe, J., & Liburd, J. J. 2016. The tourism knowledge system. *Annals of Tourism Research*, 57, 44-61. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S016073831500170X>. Recuperado em: 10 de maio, 2021.
- Xiao, H., & Smith, S. L. 2007. The use of tourism knowledge: Research propositions. *Annals of Tourism Research*, 34(2), 310-331. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738306001320>. Recuperado em: 15 de junho 2021.

Recibido: 31/08/2021
Reenviado: 15/10/2021
Aceptado: 02/11/2021
Sometido a evaluación por pares anónimos